
Texto e Imagem: o Primeiro Passo do Impeachment no Jornal Nacional visto pela Análise do Discurso¹

Mozarth Dias de Almeida Miranda²
Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF)

Resumo

Este trabalho tem o objetivo de analisar o discurso midiático de uma reportagem exibida no Jornal Nacional no dia 21 de outubro de 2015. Esse material aborda a entrega da denúncia a presidenta Dilma Rousseff. Buscamos autores da respectiva área de conhecimento e teóricos nas áreas do telejornalismo, e de análise da imagem, texto e discurso para fundamentar as abordagens e percepções de um movimento político que influenciou os mecanismos da mídia.

Palavras-chave

Telejornalismo; impeachment; análise do discurso; Jornal Nacional

1- Introdução

Essa pesquisa tem o objetivo de analisar através das fontes bibliográficas os princípios e limites da reportagem em televisão. Nessa ótica devemos explorar também o texto na ótica da análise do discurso. Para possibilitar esse trabalho consultamos os autores na área do telejornalismo Brasil (2016), Vilella (2008), Cruz Neto (2008), Vizeu (2003), Wolf (1994), e na área de análise do discurso utilizamos as produções de Orlandi (2010) e Charaudeau (2016).

O material coletado faz parte de uma seleção de dez reportagens do Jornal Nacional, da Rede Globo. Elas foram identificadas no decorrer dos anos de 2015 e 16 durante todo o período de tramitação do pedido de impeachment da presidenta Dilma Rousseff (PT) que se estendeu de outubro do primeiro ano até novembro do segundo ano.

O conteúdo utilizado nesse projeto é a primeira reportagem: a entrega do pedido de impeachment da presidenta Dilma ao presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha (PMDB). Os nossos objetivos são: observar como os aspectos da análise do discurso podem ser identificados na manipulação da informação no conteúdo textual; de que forma a veiculação de imagens devem ser usadas para enriquecer e marcar os ideais

¹ Trabalho apresentado no GP de Telejornalismo, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando do Programa de Pós Graduação em Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF), mestre em Televisão Digital (UNESP), professor universitário, jornalista – mozarthdias@hotmail.com

da empresa jornalística; o equilíbrio entre as fontes consultadas (parlamentares) também será um ponto analisado nesse projeto.

A hipótese vai girar em torno dos entraves do processo de publicação das notícias e deve buscar responder a questão: como as estratégias utilizadas podem modificar a concepção da notícia?

A justificativa para o desenvolvimento desse trabalho é esclarecer como o processo passa por interferências, e como elas estão evidentes nas soluções encontradas pela reportagem.

2 – Discurso jornalístico e seu limites

2.1 - Critérios que influenciam a produção da notícia

Poucos decidem o que apurar e produzir, e através desse processo, reportar e editar. Para definir se vale a pena ou não, é necessário que a notícia possua alguns princípios como aponta Cruz Neto (p.17, 2008) e são os seguintes: atualidade, novidade, veracidade, periodicidade, interesse público, proximidade, proeminência, curiosidade, conflito, suspense, emoção e consequências. Vilella (2008) define a característica “atualidade” da notícia “quanto maior mudança acontecer no presente mais atrativo o fato se torna” (p. 76).

No que tange a “veracidade”, o consumidor da notícia acredita na apuração e pesquisa desenvolvido pelo veículo de imprensa, ou seja, aquela informação foi construída baseada em dados e relatos reais, verdadeiros. Em relação ao princípio da periodicidade, boa parte dos telejornais é exibido nos dias úteis, e essa relação de presença diária programa o telespectador a acessar aquele periódico. Ele aprende a contar com a determinada programação.

O “interesse público” segundo Regina Villela (2008) faz parte da ideologia do jornalismo porque “divulga acontecimentos ou ações que provocam repercussão muito forte na opinião pública e controla a exposição desses fatos durante mais ou menos tempo, de acordo com a dimensão, intensidade e interesse gerado” (p. 74). O próximo item a ser descrito é a “proximidade”. “O que está próximo de nós no âmbito doméstico e cotidiano, sempre chama mais nossa atenção. Para o cidadão comum o buraco na rua onde mora é mais importante do que a crise no Paquistão (...)” (VILLELA, p.79, 2008).

Na consulta feita no dicionário Houaiss (digital) o termo “proeminência” é caracterizado por algo relevante, que se destaca e algum cenário, ambiente, na aplicação

do dia a dia nos veículos de comunicação pode reportar as conquistas dos atletas da região em campeonato nacional, ou o destaque de algum estudante da rede pública no ENEM. Outro item também avaliado e ponderado nas reuniões de pauta é a “curiosidade” do fato que Villela (2008) define assim: “Tudo aquilo que se mostra incomum à primeira vista, tanto no aspecto físico quanto na forma conceitual desperta nossa imaginação” (p.81).

Nas abordagens jornalísticas que cobrem situações de “conflito” são marcantes nas guerras entre países, por exemplo, os embates no Oriente Médio. Na realidade brasileira, o combate à violência ou tráfico de drogas quando a polícia invade os morros cariocas, ou até as greves, dos caminhoneiros em maio de 2018, são exemplos de conflitos que o jornalista tem a missão de ser neutro, independente dos poderes envolvidos, e procurar relatar a verdade.

Quando buscamos o artifício do “suspense” deixamos no público que acompanha o telejornal a expectativa de uma solução. “É importante saber dosar a descrição do fato para evitar o espetáculo” (p.99). Outro ingrediente que está presente nas coberturas é o fator “emoção”, e ele pode ser encontrado em diferentes materiais: nos acidentes de grande repercussão, nos incêndios, nas histórias de vida, ou histórias de vitória no esporte. Depois de entender notícia pode ser gerada, vamos entender a seguir de que forma que ela se torna um valor.

2.2 – O valor notícia em debate

Warren Breed apresentou os mecanismos de controle editorial e política nas redações através da perspectiva do *gatekeeper*. Para Breed (1993) os profissionais se adaptam as normas de publicação das empresas jornalísticas e trabalham com as definições pré-estabelecidas. Para ele são seis motivos que fazem os profissionais se afinarem a política editorial:

(...) a autoridade institucional e as sanções, os sentimentos de dever e estima para com os superiores; as aspirações a mobilidade profissional a ausência de fidelidade de grupo contrapostas; o caráter agradável do trabalho; o fato de a notícia ser transformada em valor (p. 157).

O crivo dos editores na escolha dos assuntos que devem ir ao ar, ou não, depende de análises corporativas, intuitivas ou até políticas. “É um processo pelo qual as mensagens existentes passam por uma série de decisões, filtros (*gates*) até chegarem ao destinatário ou consumidor” (VIZEU, p.78, 2003).

A reflexão feita por Vizeu (2003) para entender como as notícias são, ou que imagem as notícias fazem do mundo, ou, como a produção delas está associada a do dia a dia da produção nas redações das emissoras de TV. Tal definição nos coloca a frente de características expressivas e mutantes no contexto interpretativo do jornalista.

O limite rígido do tamanho do telejornal é um dos fatores que dificulta o “aprofundamento de aspectos importantes dos fatos que viram notícia, e que são deixados de lado” (p. 82). Outro ponto que se modifica com frequência é o valor/notícia que são os critérios de relevância espalhados no decorrer de todo o processo de produção. “O elemento fundamental das rotinas produtivas, isto é, a substancial escassez de tempo e de meios, acentua a importância dos valores/notícia, que se encontram, assim, profundamente enraizados no processo produtivo” (WOLF, p.83, 1994).

À medida que as mudanças vão acontecendo na forma de cobrir o fato e as variáveis nas abordagens dos conteúdos estão sendo solucionadas acontecem os ajustes dos valores/notícia. Os contextos e mudam e o jornalismo como ciência social analisa os novos rumos e se adapta as demandas.

3- Contextos político e econômico pré-impeachment

A presidenta Dilma Rousseff (PT) conseguiu se reeleger no cargo depois das eleições de 2014. Manteve a linha de governo do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva que durou oito anos, de 2002 a 2010. Dilma foi executiva da Petrobrás e chefe da Casa Civil no governo Lula. Então, o estilo de governo dela tentou, em partes, seguir a forma Lula de administrar o dinheiro público, mas divergiu em alguns itens como as conduções políticas e econômicas.

O ex-presidente Lula nutria melhor habilidade para dialogar com o Congresso e Senado, e assim, facilitava a aprovação dos projetos de lei do Executivo. Ele aproveitou esse canal aberto para gerenciar crises internas como o processo do Mensalão, em 2005. Dilma não possuía a facilidade de negociar com as bancadas parlamentares. Elas possuem vícios que devem ser alimentados, e esse é um dos preços da governabilidade. Para mediar essa situação, o governo contou com o apoio do PMDB, a maior bancada do Congresso, e desde a primeira gestão o símbolo representante do partido era o vice-presidente Michel Temer.

Ainda na esfera política, a ex-presidenta enfrentou outros desgastes como a manifestação de junho de 2013 e, ainda, a instauração da Operação Lava-Jato em 2014 contra a corrupção. O foco da operação do MPF, nas primeiras fases, eram os políticos do Partido dos Trabalhadores. As investigações seguiram, após a saída de Dilma do cargo, só que com outros partidos citados nas delações premiadas aos juízes Sergio Moro, em Curitiba, e Marcelo Brêtas, no Rio de Janeiro.

Além da instabilidade política, a economia também sofria golpes. O cenário mundial mudou, e as exportações de produtos brasileiros, em 2015, sofreram queda como por exemplo: o preço do barril do petróleo (de 125 dólares em 2011 cai para 49 dólares em 2014); a tonelada do minério de ferro perdeu um terço do valor em apenas 3 anos; e os investimentos estrangeiros reduziram em mais de 30% de 2014 para 2015.

Os rumores de impeachment começaram logo após a vitória nas urnas, mal o novo governo assumiu, as articulações começaram. As instabilidades, já citadas, ajudaram a fortalecer os argumentos das bancadas desprivilegiadas pela presidenta, e só faltava encontrar outro motivo que pesaria na conta: as pedaladas fiscais.

As pedaladas são atrasos de pagamentos a bancos públicos, não informados de forma clara ao Congresso entre 2014 e 2015. Assim, a situação parece melhor do que se imagina e o Governo paga juros a mais impactando o orçamento. Para a oposição, Dilma teria “*pedalado*” no Plano Safra, que é o crédito subsidiado para agricultores familiares, e atrasado os repasses feitos ao Banco do Brasil. Segundo a perícia do Senado, a presidenta não efetuou as pedaladas porque não teria influenciado nem de forma direta ou indireta nesses atos, mas ficou identificado na investigação que ela assinou quatro decretos de crédito suplementar sem autorização do Congresso. O documento dos peritos do Senado ajudou a defesa da presidenta, e também reforçou os argumentos da oposição.

Esse olhar geral que descrevemos nos últimos parágrafos não tem a intenção de justificar ou julgar algum processo políticos, mas serve para nos auxiliar quanto às análises da reportagem e de que forma cada autor vai colaborar com o olhar mais crítico.

4 – Discurso jornalístico

4.1 A análise de discurso segundo a ótica de Orlandi

O *corpus* a qual vamos nos debruçar faz parte de um conjunto de dez reportagens veiculadas pelo Jornal Nacional da Rede Globo durante o período de tramitação do impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff. No sub-item anterior procuramos dar um panorama geral da realidade a qual esse conteúdo foi produzido. “Inicia-se o trabalho de análise pela configuração do corpus, delineando-se seus limites, fazendo seus recortes, na medida mesma em que se vai incidindo um primeiro trabalho de análise, retomando conceitos e noções” (ORLANDI, 2010, p. 66). Para Orlandi (2010) a análise de discurso é identificar, também, o que foi dito e o que não foi dito no texto.

Desde o início do texto a emissora enfoca crítica ao presidente da Câmara. Na cabeça lida pela apresentadora a primeira informação foi o protesto contra o parlamentar, e essa nem era a principal questão do dia, e da reportagem, mas como as denúncias contra Cunha de gastos abusivos, quebra de sigilo bancário de contas na Suíça foram confirmados em reportagem especial do Fantástico no dia 13 de março de 2016. E isso, fez com ele também fosse alvo de pressão da opinião pública. O trecho a qual nos referimos é esse: “O presidente da Câmara, Eduardo Cunha, foi alvo de um protesto dentro do Congresso, e recebeu da oposição mais um pedido de impeachment da presidente Dilma”. Nesse trecho já fica evidente o trabalho de oposição entre líderes dos diferentes poderes e envolvidos em polêmicas. Até certo ponto, a relação não pode ser agressiva e cria um clima de tensão no ar.

Conforme Orlandi (2010) além da história que envolve o contexto que é amplo, na reportagem, em questão, se observa que os parlamentares produziram um acontecimento que era fundamental que, esse, fosse registrado pela grande mídia com toda a movimentação e entrega de grande documento que questionava a lisura na gestão de Dilma.

No decorrer da reportagem os receptores da informação ficam diante da exposição de uma guerra que saiu dos bastidores e se tornou midiática com a troca de farpas e acusações. O processo de impeachment era uma possibilidade naquele momento, a articulação do PSDB para movimentar o *status quo* político era feita aproveitando a instabilidade do governo, e a insegurança do futuro do país em pleno conflito.

Orlandi (2010) ressalta que a direção argumentativa do autor do texto é um fator relevante para contribuir com a absorção do conteúdo. A estratégia foi trazer a principal realidade com as oposições das opiniões, e procurar não deslizar no envolvimento com as ideologias. Na passagem do repórter, trecho que o jornalista aparece e faz a transição

para outro viés do texto, foi constatado um posicionamento para evitar maiores desgastes.

O jornalista balizou o caminho a ser traçado, pois naquele momento era importante que as instâncias se respeitassem e não se desgastassem mais. Naquela época tanto Cunha quanto Dilma estava com a imagem com tom negativo perante a sociedade.

4.2 A análise do discurso midiático de acordo com Charaudeau

Na abordagem de Charaudeau (2010) sobre as fontes na mídia, elas são sempre identificadas para identificar status, função, nome e se pertence ou não a um organismo, setor, instituição. Esses fatores influenciam na credibilidade da notícia, verdade, seriedade profissional. Os quatro entrevistados que participaram da reportagem foram identificados e cada um representa um posicionamento ideológico e ali, naqueles dois minutos ou mais de matéria, defenderam cada um o seu quinhão.

Para organizar a hierarquia do material que será exibido o repórter buscou relatar o acontecimento. Essa estratégia é a mais utilizada para evitar o envolvimento do profissional com o tema abordado.

Enfim espera-se que do autor de uma reportagem que ele esteja o mais próximo possível da suposta realidade do fenômeno, pois esse não faz parte da ficção, e também se espera que demonstre imparcialidade, isto é, que sua maneira de perguntar e de tratar as pessoas não seja influenciada por seu engajamento, por se tratar de um jornalista (isso se daria de outro modo se o autor da reportagem fosse uma personalidade de fora das mídias). (p. 222)

Dessa forma, os dados e informações narrados pelo jornalista são os fatos relatados e as opiniões embutidas de outros agentes (deputados) parte do dito relatado.

Tal acontecimento é constituído por fatos e ações dos atores que se acham implicados: trata-se, nesse caso, de ‘fato relatado’; mas também de palavras com declarações e demais reações verbais dos atores da vida pública: é o que chamamos de ‘dito relatado’ (CHARAUDEAU, p. 150).

O autor explica que o acontecimento passa por racionalizações (edição) antes de ser divulgado, e assim, essa construção a realidade que começa na rua com a percepção do repórter, depois segue com a montagem do texto, e logo após o olhar do editor se termina o direcionamento do conteúdo e enquadra as intenções da mídia. “Assim, a instância midiática impõe ao cidadão uma visão de mundo previamente articulada, sendo que tal visão é apresentada como se fosse a visão natural do mundo” (p. 151).

O caminho percorrido nessa reportagem foi de mostrar o factual do dia, e depois trazer os diferentes pontos de vista “costurando” as intenções e despertando as reações do público. O relato tem um ponto de vista, ele não pondera as opiniões, é um terreno sem regras para desbravar. Nem todos os políticos tem o mesmo espaço, visto que não é uma regra fora do período de propaganda eleitoral. A edição aproveita os melhores personagens mesmo se eles penderem para um lado específico.

A primeira fonte que no discurso é um tanto “autoritário” (ORLANDI, 2010, p. 86), pois é categórico no julgamento da denúncia, e com isso, acaba pressionando o aceite do processo.

VÍDEO – edição	ÁUDIO
SONORA: RUBENS BUENO, PPS-PR	“ELA COMETEU CRIME DE RESPONSABILIDADE COM AS PEDALAS FISCAIS QUE ESTÃO AGORA NESSE DOCUMENTO ÚNICO APRESENTADO HOJE PELAS LIDERANÇAS DE OPOSIÇÃO// ENTÃO DEIXO CLARAMENTE QUE A PARTIR DE AGORA CABE AO PRESIDENTE ANALISAR E DIZER PARA O PAÍS SE ACEITA OU NÃO O PEDIDO DE IMPEACHMENT”//

O trecho selecionado da entrevista do deputado paranaense é identificado pela oração direta apontando origem e as provas que embasam a denúncia. Ele disponibiliza a documentação e ainda exige a reação do presidente. Essa estratégia da oposição é para marcar território e se posicionar a favor da mudança de poder.

Como existe um fogo cruzado, e uma possível motivação do PSDB para fortalecer o embate entre as bancadas da base e da oposição fica mais fácil fragilizar a fonte do poder. O representante do governo rebate a pressão atacando a origem do foco.

VÍDEO	ÁUDIO
SONORA: DEPUTADO JOSÉ GUIMARÃES - PT-CE	“QUE TAL O NATAL COM DRU? COM CPMF? ESSA IDEIA BRILHANTE QUE O PSDB CRIOU EM DÉCADAS PASSADAS QUE FOI A CRIAÇÃO DA CPMF”//

Daí, se percebe uma discrepância nos tamanhos das explicações dos agentes envolvidos com o fato, e outro fator que não podemos esquecer é a diferença no poder de

argumentação e de relevância na abordagem do conteúdo transmitido em cada entrevista editada.

É que pode ser estrategicamente útil jogar com a possibilidade de não fornecer índices do dito relatado, ou de sugerir-los, ou de deixa-los à apreciação do interlocutor. (...) É nesse jogo de marcação-demarkação por um lado, não marcação-integração, de outro, que se situa o discurso das mídias de informação (CHARAUDEAU, 2010, p.162)

O representante da base governista tenta desviar o foco do assunto com a reversão de atos antigos praticados por outra gestão, mas que serve como um contra-ataque ao PSDB. A narrativa busca não se envolver, porém mostra a alternativa para ganhar tempo com o apoio do governo. “Assim sendo, a reportagem deve adotar um ponto de vista distanciado e global (princípio de objetivação) e deve propor ao mesmo tempo um questionamento sobre o fenômeno tratado (princípio de inteligibilidade)” (p.221). Para atender todos esses princípios que existe uma infinidade de roteirizações com diferentes abordagens como encaixes de entrevistas, artes, dados – são artifícios válidos para a explicação do fato. Determinação aplicada abaixo, mas com toques de malícia que podem ser percebidos em leitura mais atenta.

VÍDEO	ÁUDIO
<p>OFF3- IMAGENS: EDUARDO CUNHA ANDANDO PELOS CORREDORES MOVIMENTADOS DO CONGRESSO COM JORNALISTAS, ASSESSORES, DEPUTADOS// ELE CONVERSA COM A IMPRESA//</p> <p>SONORA: DEP. EDUARDO CUNHA – PRESIDENTE DA CÂMARA (PMDB-RJ)</p>	<p>OFF3:</p> <p>CUNHA NÃO DISSE SIM PARA A OPOSIÇÃO, NEM NÃO PARA O GOVERNO// VAI LEVANDO O IMPEACHMENT EM BANHO MARIA. E IRONIZOU AS PEDALADAS FISCAIS DA PRESIDENTE DILMA.</p> <p>“AS PEDALADAS JÁ ESTÃO VIRANDO MOTOCICLETA/ SAIU DA BICICLETA FOI PARA A MOTOCICLETA”//</p>

Em um primeiro estágio da análise a estratégia do repórter e do editor é utilizar termos populares para chegar a objetivos específicos: como o “sim” e o “não” para estabelecer a polarização dos poderes e o choque entre eles, e o termo “banho maria” para simbolizar o “cozimento” do governo, ganhar tempo. Quem estava monitorando a temperatura da água, mantendo a simbologia, era o presidente da Câmara Federal.

Cunha não deixa de ironizar os atos do governo para se manter no alvo das questões. A finalidade desse discurso irônico é continuar o ataque e manter a ideia de que as “pedaladas” são inadmissíveis e as consequências devem ser tomadas, só que ainda dependia de negociações com o governo para seguir com o caso. A resposta dele teve a finalidade de medir forças, quem pode mais e quem pode menos. Cunha reforça a oposição entre direita e esquerda dentro do congresso.

A reportagem não ficou só na cobertura do primeiro ato. O segundo ponto de vista foi a homenagem ao presidente da Câmara, todavia, parlamentares opositores se manifestaram para estragar a festa.

VÍDEO	ÁUDIO
<p>OFF5-IMAGENS: GRANDE MOVIMENTO DE PARLAMENTARES NA GALERIA DE EX-LÍDERES COM DISCURSOS DE ALGUNS DELES// NA PAREDE TEM AS FOTOS DE ANTIGOS LÍDERES DO PMDB// IMAGEM DA FAIXA DO PSOL “ELOGIO À CORRUPÇÃO, NÃO” – SEGURADO POR DEPUTADOS DO PARTIDO EMANIFESTANTES. O MANIFESTO ACONTECEU NO SALÃO VERDE.</p>	<p>OFF5: E HOJE, ENTROU PARA A GALERIA DE EX-LÍDERES DO PMDB NA CÂMARA SOB ELOGIOS DE DEZENAS DE DEPUTADOS// O PSOL É QUE NÃO DÁ SOSSEGO AO PRESIDENTE DA CÂMARA// COM A AJUDA DE DEPUTADOS DE OUTROS PARTIDOS, PUXOU UMA MANIFESTAÇÃO NO SALÃO VERDE PARA DIZER: NÃO A ELOGIOS À CORRUPÇÃO// DURANTE A MANIFESTAÇÃO, CUNHA DAVA ENTREVISTA. ALGUNS PARLAMENTARES PUXARAM UM CORO PELA RENÚNCIA// ///SOBE SOM/// “O SENHOR MENTIU NA CPI DAPETROBRÁS// DECLAROU UM PATRIMÔNIO FORA DO BRASIL 37 VEZES MAIOR QUE DECLAROU A JUSTIÇA ELEITORAL BRASILEIRA// QUANDO O SENHOR VAI RENUNCIAR?//</p>

O conflito entre Cunha e os parlamentares descontentes ficou em segundo plano na reportagem, mas mostrou a fragilidade do líder que se mantinha no poder. A imagem da

manifestante não aparece por completo, mas era a deputada federal Clarissa Garotinho (PR-RJ), filha de Anthony Garotinho (PR). O pai de Clarissa apoiava o governo PT.

5- Conteúdo telejornalístico depende da imagem

O conteúdo só existe com a conexão do texto e da imagem. Dessa forma, o profissional fundamenta as reportagens gravadas para os telejornais nacionais ou regionais. O texto é registrado como “*off*” e se torna áudio, esse *off* é gravado pelo repórter ou narrador, com as devidas informações (dados, histórias) expostas dentro de cada um deles. Ainda faz parte do conteúdo da reportagem os entrevistados (fontes agendadas que falam sobre o assunto como especialistas), e/ou os personagens (que expõe as histórias deles) e também o povo-fala (pessoas que são abordadas na rua, através da explicação do objetivo da reportagem, e dessa forma aceitam opinar sobre o tema e expõe o ponto de vista).

Na estrutura de uma reportagem outros mecanismos podem ser utilizados como artes-gráficas (pesquisas, comparativos) e também os áudios (sobe som) específicos como explosões, tiroteios, discussões, gritaria, câmera escondida e etc, situações que podem ser utilizadas para enriquecer os aspectos reais do material jornalístico.

Para se reconhecer como reportagem telejornalística a imagem é utilizada na cobertura do conteúdo gravado, e até em parte das entrevistas editadas. A participação dela é de relevância para a assimilação da mensagem que está sendo emitida.

5.1 A imagem: solução, apoio ou tendência?

Para Brasil (2012) a imagem não apenas representa o real, mas traz para o ideário dos milhares de telespectadores o conhecimento da cultura, da prática jornalística, e é um item com potencial para inovar os costumes e as relações políticas e sociais.

Se considerarmos que a visão é a mais importante forma de percepção que o ser humano possui para ações cognitivas, tornando-se uma fonte de informação e conhecimento poderemos ter ideias mais aproximadas da importância de todo um universo de produção de documentos visuais. (p.26).

De acordo como o autor, a imagem tem por finalidade um percurso independente e desenvolve no receptor uma realidade alternativa. Ela passa pelo simples registro (muito utilizado como apoio ao texto no telejornalismo), atravessa o terreno da idolatria religiosa, até chegar à esfera do conhecimento.

“(…) a imagem se transforma em linguagem adequada para as descobertas de um conhecimento igualmente ‘sem limites’. (...) À imagem, enquanto nova linguagem universal, cabe à representação de um novo saber, produto de uma inteligência coletiva, interconectada pelas redes de informação, sem fronteiras, planetária, produto de um novo processo de expansão da consciência humana” (p.37).

Essa consciência que desperta no telespectador a absorção direcionada pela linha editorial da reportagem. A linguagem textual tem limites mais claros, porém, a linguagem visual navega por um oceano fluído e subjetivo. Os argumentos e barreiras do texto tentam delimitar esse trajeto com a definição de um roteiro que “amarra” *offs*, entrevistas e artes. “A lógica da imagem exige que a sua representação seja feita a partir desse esquema que reformula o esquema visual” (BRASIL, p.39, 2012).

Com a linha definida e os passos marcados da reportagem que será exibida, a imagem tem a missão de proporcionar o rótulo de verdade para o material jornalístico. “A imagem é apresentação e aparência, cuja configuração procura ser verdadeira, ou seja, corresponder parcialmente às condições do objeto representado” (p. 41). A sensação de credibilidade reforçam as importâncias de cada frase e o *take* que ilustra a reportagem.

Segundo Brasil (2012) o meio telejornalístico seleciona porções de realidade que correspondem às exigências do meio e criam um espaço na forma de “realidade alternativa” (p. 105). Essa realidade é pensada na concepção do telejornalismo como uma máxima: “só vale se tiver imagem”. Depois de 10 anos de atuação em redações de diferentes emissoras com direcionamentos editoriais diferentes, e ainda, trabalhar como editor, percebi que a descrição do conteúdo de imagens na pré-produção é o fator primordial para autorizar a execução do trabalho. Então, é muito comum no dia a dia das redações a pergunta: se não tem imagem como vai ser tornar uma matéria? Dessa forma, se improvisa um stand up, ou entrada ao vivo, ou até uma nota que pode ser lida pelo apresentador. Nessa ótica, a palavra se torna fator secundário, apenas um suporte da informação visual.

No texto analisado, o tempo da reportagem foi de 2 minutos e 34 segundos somando a cabeça lida pela apresentadora Sandra Annenberg e a nota final também lida por ela. O material produzido em Brasília no dia 21 de outubro de 2015, e teve o repórter Julio Mosquera como autor. Já no primeiro *off*, a imagens que cobrem esse texto são dos deputados puxando um carrinho no corredor do congresso. O texto do repórter seguiu essas imagens e trouxe detalhes nas informações para não parecer redundante as

imagens. A lauda parcial abaixo ilustra como a reportagem Foi confeccionada e exibida no telejornal.

VÍDEO – edição	AÚDIO – repórter
<p>OFF1-IMAGENS: DEPUTADOS ANDANDO NO CORREDOR DO CONGRESSO NACIONAL EMPURRANDO UM CARRINHO COM CAIXAS DE ARQUIVO. O LOCAL ESTAVA CHEIO E A IMPRENSA COBRIA O FATO. ERAM QUATRO CAIXAS AZUIS COM DOCUMENTOS QUE PROVAM AS PEDALADAS FISCAIS. O GRUPO ENTREGA AO PRESIDENTE DA CÂMARA, EDUARDO CUNHA, OS PACOTES DE DOCUMENTOS.</p>	<p>OFF1: A OPOSIÇÃO CHEGOU COM UM CARRINHO PARA ENTREGAR AS MILHARES DE PÁGINAS DO NOVO PEDIDO DE IMPEACHMENT// DOCUMENTOS QUE TRATAM DAS PEDALADAS FISCAIS DO ANO PASSADO TRAZEM QUATRO DECRETOS ASSINADOS PELA PRESIDENTE DILMA EM JULHO, AGOSTO E SETEMBRO PARA MOSTRAR QUE ELA TERIA GASTO ESTE ANO R\$ 820 MILHÕES, SEM AUTORIZAÇÃO DO CONGRESSO//</p>

O conteúdo imagético é claro, e a oposição criou um fato político para marcar a ação. As caixas servem para demonstrar o grande volume de provas e que só com um carrinho para ajudar a levar tudo. A quantidade de pessoas no local era importante para ampliar ao número de parlamentares, ou não, descontente com a gestão do governo. A finalização com a entrega dos documentos na sala de Cunha pressiona o presidente a analisar o pedido e a tomar uma decisão diante de um cenário de conflito entre executivo e legislativo.

Na abordagem do repórter o termo utilizado “milhares de páginas” reforça o tamanho do documento, e que esse era mais um pedido de impeachment. Era necessário pontuar quais decretos assinados pela presidenta estavam dentro das caixas para esclarecer ao telespectador do que se tratavam as provas, e que esses decretos causaram despesas indevidas. O verbo “teria” indica possibilidade de gasto de 820 milhões de reais feito pela presidência sem a devida autorização do Congresso.

O trecho indica motivos, grandezas, demonstra os argumentos da oposição, e que poderiam estar fundamentados com o tamanho das caixas e quantidade de papeis. Busca informar, ponderando com as imagens, mas não define, ou julga de Dilma. Por isso, apenas descreve o que está nos pacotes e utiliza um verbo no pretérito imperfeito, e não

se compromete. Porém, as imagens apontam para um destino que robustece o pedido, agita a opinião pública representada pelo telespectador do Jornal Nacional, e ameaça a cúpula do governo federal.

6- Considerações finais:

Primeiramente buscamos esclarecer os princípios do jornalismo para identificar o que é notícia, de que forma ela se comporta, quais critérios são avaliados e encontramos, através desses mecanismos, os valores empregados e os impactos das escolhas editoriais diante dos telespectadores.

Depois da pesquisa com os autores conseguimos observar a análise do discurso vestígios que comprovam como a narrativa é fundamental para direcionar a compreensão do receptor. Se ela não for articulada de forma correta o retorno para a compreensão do telespectador fica comprometida, manipulada.

Fator preponderante a essa realidade é utilização da imagem em todo o processo de construção de sentido. Demonstramos como a imagem pode reforçar os discursos, oferecer uma linguagem a parte da estrutura textual e independente, nada amarrada, e autônoma para criar o próprio sentido.

Descrevemos os detalhes escondidos dentro do que era dito. Nas entrelinhas de cada *off* existiam contextos, intenções nos argumentos do repórter, disparidade nas falas de entrevistados que muitas vezes nem seguem uma divisão equilibrada na estrutura da reportagem. Essa constatação nos levou a considerar que a reportagem foi direcionada a criticar a presidenta com o peso das entrevistas sem dosar a opinião dos outros parlamentares. Outro ponto que fica evidente no texto é a crítica ao presidente da Câmara Federal, Eduardo Cunha. No texto e nas imagens apontamos os artifícios aplicados para oferecer uma estratégia política para ganhar tempo, espaço e ironizar o governo.

Referências bibliográficas

- BRASIL, Antônio. Telejornalismo imaginário - memórias, estudos e reflexões sobre o papel da imagens nos noticiários de TV. Florianópolis: Insular, 2012.
- BREED, W. O controle social da redação. Uma análise funcional. In: TRAQUINA, Nelson. Lisboa: Veja, 1993.
- CHARAUDEAU, P. Discurso das mídias. Tradução: Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2010.

CHARLEAUX, João Paulo. **De Dilma a Temer: o que mudou e o que segue igual no Brasil.** Disponível em:< <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/03/19/De-Dilma-a-Temer-o-que-mudou-e-o-que-segue-igual-no-Brasil>> Acesso em: 27/06/18

NETO, José Elias da Cruz. Reportagem de televisão: como produzir, executar e editar. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

VILELLA, Regina. Profissão: Jornalista de TV – Jornalismo aplicado na era digital. Editora Ciência Moderna: Rio de Janeiro: 2008.

LEAL, Edson P. B. **Economia brasileira entre 21 e 31 de outubro de 2015.** Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/artigos/economia-e-financas/economia-brasileira-21-a-30-de-outubro-de-2-015/91355/>> - Acesso em: 27/06/18

ORLANDI, E. Análise do discurso: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes Editores, 2010.

PODER 360. **Leia uma comparação dos indicadores econômicos antes e depois de Temer.** Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/economia/leia-uma-comparacao-dos-indicadores-economicos-antes-e-depois-de-temer/>> - Acesso em: 27/06/18

VIZEU, Alfredo Eurico Jr. **Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo.** 3ª. Ed. EDIPUCRS: Porto Alegre, 2003.

Wolf, M. Teorias da comunicação. Editorial Presença: Lisboa, 1994.